



Pré-candidaturas presidenciais de direita recorrem aos próprios quadros partidários para a escolha do vice, o que confirma dificuldades no fechamento de alianças. E veem o Centrão jogar na neutralidade para levar vantagem em qualquer cenário

“Puros-sangues” contra Lula

» LUÍZA ALTOÉ
» FABIO GRECCHI

O encerramento do período das convenções partidárias para a confirmação das pré-candidaturas presidenciais e a definição dos vices mostra que a direita vai dividida, no primeiro turno, para a disputa no voto contra Luiz Inácio Lula da Silva, que tenta a reeleição. Seus representantes fecharam chapas “puro-sangue”, o que deixa claro a dificuldade para a concretização de alianças entre os postulantes desse espectro ideológico ao Palácio do Planalto. Expõe, também, que os esforços do PL e de Flávio Bolsonaro para aglutinar os direitistas e o Centrão em torno dele também naufragou, pelo menos na fase inicial do pleito. Para o segundo turno, a história pode mudar.

Pré-candidato do PL, Flávio anunciou, ontem, o deputado e companheiro de partido Alfredo Gaspar (AL) como vice, depois de articulações infrutíferas para trazer a federação União Progressistas, que congrega PP e União Brasil, o Podemos e o Republicanos para sua órbita. A ideia era obter nessas legendas uma candidatura feminina para vice — foram cogitadas a senadora Tereza Cristina (PP-MS), a economista Daniella Marques (Republicanos) e a deputada Renata Abreu (Podemos-SP) —, mas as negociações deram em nada. A solução caseira foi o que restou.

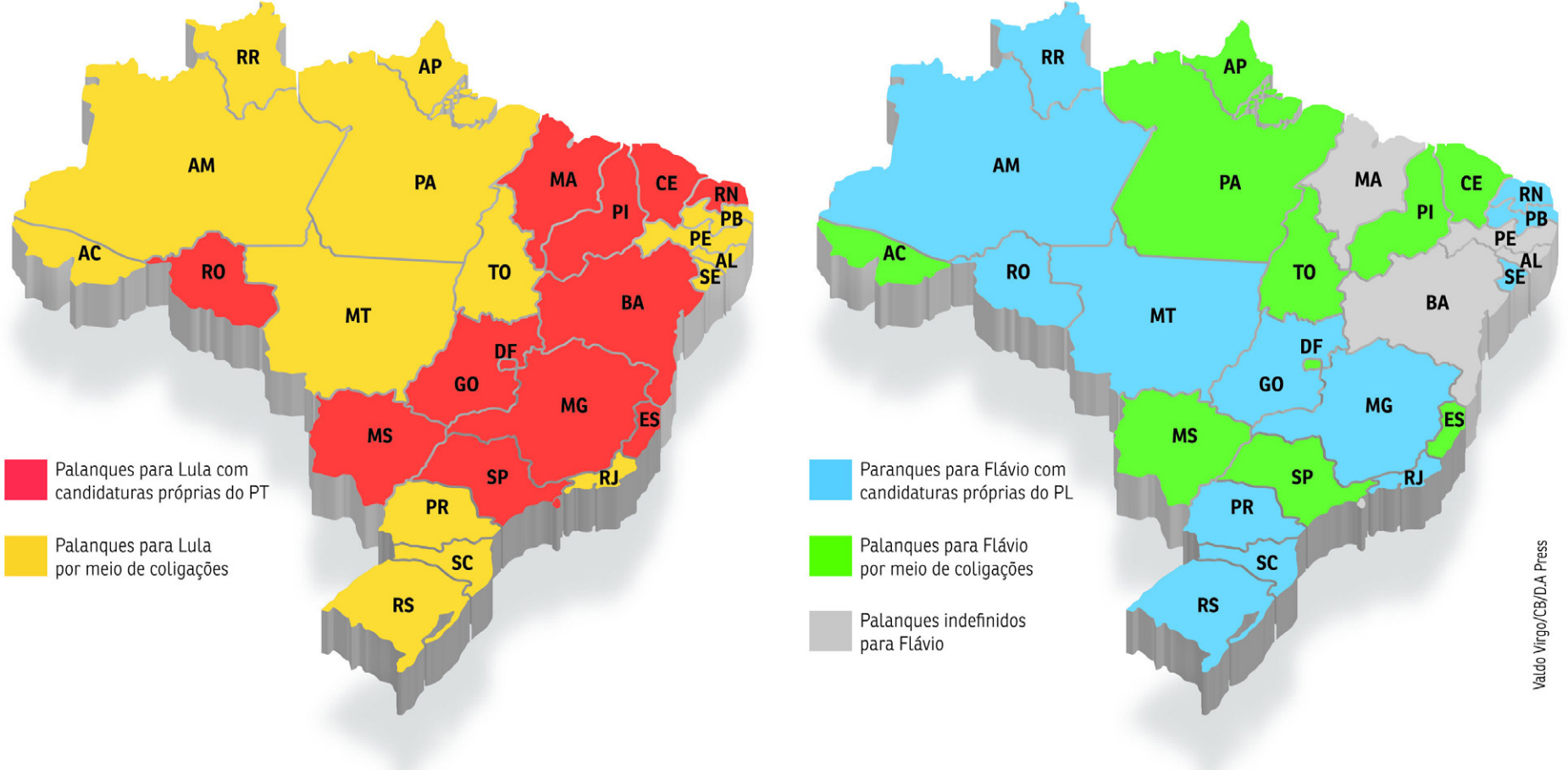
Também ontem, o pré-candidato do Avante, Augusto Cury, fechou com o ex-deputado mineiro Julio Delgado a posição de vice na chapa. Em 30 de julho, porém, a situação estava incerta: Cury se reuniu com outro pré-candidato, Romeu Zema (Novo), para conversarem sobre a hipótese de juntarem forças. O ex-governador de Minas Gerais, porém, manteve firme a postulação e, na terça-feira, anunciou o senador Eduardo Girão (CE) como companheiro de chapa.

A dificuldade de a direita ampliar coligações deu os primeiros sinais quando o pré-candidato do PSD, Ronaldo Caiado, fechou o presidente do próprio partido, Gilberto Kassab, como vice. O ex-governador de Goiás insinuou-se seguidamente para Zema e tentou convencê-lo a tornar-se seu vice. Não funcionou.

Correndo por fora e com críticas a Flávio e ao bolsonarismo — além das que sempre fez a Lula e ao governo —, Renan Santos (Missão) fechou o tenente-coronel da reserva da Brigada Militar gaúcha Aroldo Medina na vice. Companheiros de partido, o pré-candidato à Presidência admite que o parceiro de chapa é um “ex-bolsonarista arrependido” sempre que cobrado a explicar o fato de que

Panorama dos palanques para PT e PL

Situação das articulações fechadas pelos partidos dos dois líderes nas pesquisas de intenção de voto



Esses partidos (do Centrão) têm presença importante no Nordeste, região onde Lula segue com vantagem confortável. Amarrar-se nacionalmente a Flávio significaria contaminar candidaturas estaduais em estados onde o antibolsonarismo é competitivo, e eleger deputado é o negócio principal dessas legendas"

Gustavo Ribeiro, mestre em ciência política pela Universidade Sorbonne

Aroldo frequentava o acampamento golpista montado em frente ao Quartel-General do Exército, no Setor Militar Urbano de Brasília.



Cury escolheu Delgado de vice e também recorreu à chapa “puro-sangue”

Ainda na direita, o Democracia Cristã é mais um que vem com chapa “puro-sangue”: Clariana Barão é a pré-candidata à Presidência com

Fabiana Torquato de vice.

Pela esquerda, também tem chapa “puro-sangue”: a pré-candidata Samara Martins (Unidade

Popular) vai para a disputa ao lado de Raquel Brício. Principal nome do espectro, Lula fechou com o PSB a indicação de Geraldo Alckmin para vice, repetindo a dobradinha de 2022 — o presidente tem ainda apoio de PDT, PCdoB, PV e PSol.

Convencimento

Na avaliação de Gustavo Ribeiro, mestre em ciência política pela Universidade Sorbonne, de Paris, a dificuldade da direita em formar alianças mostra que o Centrão não está convencido de que Flávio ganhará. Ele lembra que as legendas que formam esse grupo no Congresso enxergam o processo eleitoral de forma pragmática, independentemente de ideologias. “Ninguém quer pagar antecipadamente por um ativo cuja cotação ainda considera incerta. Neutralidade, no vocabulário do Centrão, é opção de compra. Eles preservam o direito de aderir ao vencedor em novembro, sem ter gasto nada em agosto”, explica.

De cima do muro, o Centrão fica a cavaleiro para que as legendas que o compõem liberarem diretórios estaduais para alianças locais que sejam vantajosas. “Esses partidos (do Centrão) têm presença importante no Nordeste, região onde Lula segue com vantagem confortável. Amarrar-se nacionalmente a Flávio significaria contaminar candidaturas estaduais em estados onde o antibolsonarismo é competitivo, e

eleger deputado é o negócio principal dessas legendas”, observa.

Na avaliação de Ribeiro, a chapa “puro-sangue” impõe uma dificuldade adicional aos candidatos. “Flávio perde palanques estaduais, que é o que efetivamente move voto no interior. E perde a capilaridade de diretórios municipais em campanha, o ativo que dinheiro nenhum compra em 60 dias”, adverte. O PT, partido do presidente, terá candidaturas próprias ao governo de 11 estados e ao Distrito Federal. A maior parte delas está localizada no Nordeste, com nomes em cinco dos nove estados da região. Enquanto no Sudeste e no Centro-Oeste há três candidatos do PT em cada, no Norte há apenas um — em Rondônia. No Sul, não há nomes do PT na disputa no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Lula dependerá de outros partidos para construir palanques nos demais estados. Em 15 unidades da Federação, há alianças com o PSB, MDB, União Brasil, PSD, PP, PDT e PV.

Já o PL de Flávio terá candidaturas próprias em 13 estados. No Norte, no Nordeste e no Sul, há três com nome do partido para governador; no Centro-Oeste e no Sudeste, dois. Assim, em 10 estados, a legenda conta com o apoio de outras coligadas para construir palanques — une-se a Podemos, União Brasil, PSD, PP, Republicanos e PSDB.

Redes Sociais/Reprodução



Sobre a saída de Marcola, Lula disse: “Quem errou, que pague”

» ARMANDO HOLANDA

O ex-chefe de gabinete de Luiz Inácio Lula da Silva, Marco Aurélio Santana Ribeiro, o Marcola, deixou a campanha à reeleição do presidente. Ele comunicou a decisão ao presidente do PT, Edinho Silva, e colocou fim a uma situação que tinha chegado a um grau insuportável. Isso porque o próprio Lula deixou claro que ele “não pode ficar mais aqui (na campanha)”, em razão de ter pegado um empréstimo com a empresária e lobista Roberta Luchsinger — amiga de Fabio Luiz Lula da Silva, o Lulinha, ambos suspeitos de tráfico de influência no governo.

Marcola não volta ao Palácio do Planalto. Ele conseguiu que Roberta lhe emprestasse R\$ 249 mil, que, conforme admitiu, foi de cunho absolutamente pessoal. O ex-assessor contratou o advogado Georges Abboud para defendê-lo.

Lula ficou irritado com o episódio, pois sabia que respingaria na campanha num momento em que conseguia emplacar o argumento de que Lulinha deve responder — caso fique constatado — pelos eventuais malfeitos devido à proximidade que tem com Roberta, que é estreita colaboradora de Antonio Carlos Camilo Antunes, o “Careca do INSS” — personagem principal do escândalo dos descontos indevidos de aposentados e pensionistas da Previdência. A isso, somava-se o fato de que seu principal adversário, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), viu as portas do Centrão se fecharem, uma vez que os partidos que compõem o bloco declararam neutralidade na corrida presidencial. Daí porque ordenou que Marcola não apenas explicasse o empréstimo, como apresentasse documentos que o confirmasse.

A avaliação no núcleo político

do PT é de que o anúncio da saída estanca o desgaste. Há tempos um colaborador do presidente, Marcola deixou a chefia de Gabinete de Lula para atuar na estrutura eleitoral e era tratado como um dos principais responsáveis pela articulação política na corrida eleitoral. A campanha não pretende, neste momento, escolher um substituto para a função. De acordo com integrantes da coordenação, a tendência é redistribuir as atribuições de Marcola entre integrantes da equipe — e evitar uma eventual disputa por espaço. Para petistas e aliados, o foco deve permanecer na agenda eleitoral e nas ações para estancar os efeitos políticos do episódio, que, já se sabe, será explorado pela oposição.

Autonomia para apurar

Entretanto, em reunião com dirigentes do PSol e da Rede, ontem, Lula disse que, no seu governo, a

Polícia Federal tem autonomia para investigar quem quer que seja e que não há privilégio para ninguém no governo, nem mesmo Lulinha — contra o qual há três inquéritos abertos pela PF por suposto tráfico de influência. Diante dos aliados, afirmou que, ao longo da história, a direita fez uso político de denúncias de corrupção não comprovadas, na tentativa de derrubar governos, fazendo referência às gestões de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Foi nesse momento que citou a explicação dada por Marcola para os pagamentos recebidos.

Durante uma hora de reunião na qual entraram em cena assuntos de campanha, projetos empacados no Senado, como o fim da escala 6x1, e até as brigas com os presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, e da Argentina, Javier Milei, Lula reiterou aos dirigentes dos partidos que quem é alvo de denúncias precisa se explicar.

“Quem errou, que pague”, insistiu ele. Mesmo assim, afirmou ter ficado “triste” com a saída de Marcola, que o acompanhava há aproximadamente 11 anos. Disse, porém, que ele terá todo o tempo necessário para se defender.

O encontro também contou com a participação do ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos, que é do PSol, e de Edinho Silva, que também coordena a campanha de Lula.

Os dirigentes da federação PSol-Rede apresentaram a Lula um documento com propostas para o programa de governo de um eventual quarto mandato do petista. Um dos parágrafos do texto, intitulado “Carta ao Lula”, diz que a vigorosa ação da PF contra a “gangsterização da política”, sem proteger nem perseguir ninguém, precisa continuar, “doa a quem doer”. (Com Fabio Grecchi e Agência Estado)